

CINE-JORNAL



ANO 1.º — N.º 52 — 12 DE OUTUBRO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00

*Lillian
Harvey*

lh



O próximo número tem 32 páginas, e custa 1\$00!



Carole Lombard e Clark Gable, fotografados juntos, no dia do «première» de «Romeu e Julieta».

JEAN COCTEAU, CHARLOT E LUBITSCH

JEAN Cocteau, o poeta subtil de «Orfeu», completou, recentemente, a exemplo de Phileas Fogg herói de Júlio Verne, a volta ao mundo em oitenta dias. Como a Phileas Fogg, acompanhava-o um fiel e dedicado Passepartout, embora menos inclinado a distrações e a aventuras arriscadas.

Dessa viagem ficaram uma vineta de crônicas admiráveis que retratam, com verdadeiro sentido «repórter» e num estilo a um tempo brilhante e claro, as terras de sonho e de fantasia que Cocteau atravessou.

Roma, Atenas, Rhodes, Alexandria, Cairo, Bombaim, Calcutá, Rangoon, Penang, Singapura, Hong-Kong, Tóquio, Honolulu, S. Francisco e Nova York, constituem a «feérie» que o poeta nos faz bailar perante os olhos, em toda a sua atracção e mistério.

Inolvidável a descrição de Bombaim, dos seus habitantes que mascam betel e cospem sangue, dos seus fakires e dos seus mágicos. Sobretudo aquela luta entre uma cobra e um rato egípcio que, para gáudio do estrangeiro, certo charlatão exhibe e que lembra uma pincelada de Kipling.

● Fakir e o seu ajudante depõem os seus cabezas suspeitos. A música fanhosa começa. Não era indiferente tocar qualquer trecho porque a cobra aper-

ceber-se-ia. De repente, a panela de panela parece ferver, a tampa mexe-se e o conteúdo trasborda. É um creme amarelado, asqueroso que se escóba se deslaca escapa-se sobre o passeio. O fakir abre então uma espécie de saco de loto, de onde saíra o rato egípcio. Num segundo, projecta-se sobre a mancha de creme em fogo e trava-se o duelo. Duelo de wnplexos, de sacões, de caligrafias, de parágrafos, de chicoladas. O socinho cor de rosa empenha-se em morder a nuca. Três vezes a cobra se levanta porque a sua musculatura distribui-se de tal maneira que se pode pôr de pé sobre um pequeno anel da cauda. Levantase e a cabeça visa o rato como um revólver. Este salta e triunfa. O pescoco da cobra sangra. Imobiliza-se. Mas a serpente é um cortejo: a cabeça está morta, porém, a cauda freme ainda. A notícia não tivera tempo de chegar ao fim».

Sintese admirável, não acham?

* * *

Pois Jean Cocteau encontrou Charlot no decurso da sua viagem. Não no impenetrável estúdio do genial criador e intérprete de «Tempos Modernos», mas em pleno mar da China, a bordo do «Coolidge», simpático barquinho em rola para Honolulu. Acompanha Char-

NINGUEM PODE SER PROFFECTA

Nem mesmo os professores podem profectizar o êxito cinegráfico dos seus alunos. Em regra as lendúncias dos alunos no colégio, nada têm a ver com a sua actividade mais tarde, nos estúdios de Hollywood. Uma lourinha que frequentava a escola Ferry Hall, em Chicago, por exemplo, era «um colosso» em matemática. Hoje é Jean Harlow!

Da mesma forma, ninguém seria capaz de supor que Una Mekel foi uma «barra» nas matemáticas. Apesar disso, era sempre uma das primeiras alunas em matemática quando frequentava o curso em Philadélfia.

Betty Furness era a primeira da sua classe, em matemática também, na Escola Bennett, de Nova York.

Isto não quer dizer que as crianças que têm inclinação pelas matemáticas cheguem a ser celebridades da tela. Lionel Barrymore, por exemplo, estudou Artes em Paris; Jean Hersholt, em Copenhague; Virginia Bruce, agora no limiar do estrelato, estudou com êxito quasi lódas as matérias, e Myrna Loy

diplomou-se, com honras, em escultura, na Escola Westlake, em Los Angeles.

A química e a comédia não têm nada de comum. Mesmo assim, Louise Fazenda foi uma brilhante estudante de química e a sua ambição era ser preparadora. O conhecimento de línguas é muito útil no cinema. Mady Christians era uma brilhante estudante de línguas, no Convento das Irmãs Ursulinas em Berlim. Hoje é uma das grandes artistas dramáticas da tela. A loura Isabel Jewell especializou-se em línguas e tornou-se professora. Mais tarde, gravitou para o palco e para a tela. Franchnel Tone era ajudante do professor de francês na Universidade de Cornell.

Muitos actores começaram a vida com a ideia de serem escritores. Entre estes, contam-se Robert Montgomery (que ainda escreve), Donald Crisp, Douglas Dumbrilhe e Clark Gable.

Leo Carrillo, comediante, estudou engenharia; Nelson Eddy, que queria ser médico, tirou um curso preparatório, depois entrou no campo jornalístico — e estudava canto «quando linha vagar».

lol, Paulette Godard, sua presente paixão. Cocteau anota que Chaplin não fala francês, nem é inglês. Todavia, entendem-se maravilhosamente. Não nos admiremos; falam a linguagem do espirito...

Charlot usa agora uns óculos 100% americanos, que frequentemente tira, limpa e torna a colocar. Está mais branco e com mais rugas. Cocteau lembra-lhe a «Quimera do Ouro» e Charlot observa: «A dança dos pãezinhos! Eis do que todos me felicitam. É uma cavilha da máquina. Um detalhe. Se eles viram isto primeiro é que não viram o resto».

O poeta acompanha o artista a um restaurante. Dança-se. Todos olham Charlot. Este confessa: «Ai de mim! Sou o mais exposto de nós todos. Trabalho na rua. A minha estética é a do pontapé no trazeiro. E princípio a recebê-los».

Laurentum dum Chaplin que sofre com a popularidade de Charlot

* * *

Cocteau segue a sua rota acelerada em torno do globo. Passa como um bólido pelas cidades, mas a sua retina fixa, para sempre, os aspectos mais locais das terras e dos seus usos e costumes. É-lo que, em Hollywood, visita Lubitsch, empenhado em dar os últimos retoques em «Desejo», esse filme revelador do excepcional talento de Marlène e de Gary Cooper.

A sua exibição suscita ao poeta este comentário: «Desejo», embora não se assemelhe à «Parada do Amor» é, da mesma maneira, uma obra-prima».

Lubitsch impressiona Jean Cocteau. Ambos são poetas, afinal. «O homem que eu matei» não valerá um poema?

OPERADOR N.º 13



Haley e Betty Furness navegam em Hollywood, numa canoa indiana, com trajos absolutamente desconcertantes.

Estreou-se, em Berlim, o filme de Harry Piel, «90 minutos de demora», cuja acção, em grande parte, se desenrola em Lisboa

Acaba de se estrear em Berlim, ao mesmo tempo, em três grandes cinemas, o filme policial de Harry Piel, intitulado «90 minutos de demora».

Como se sabe, uma parte deste filme é passada em Lisboa, tendo estado entre nós dois operadores que filmaram alguns «raccords» do cidade, não podendo todo êle ser filmado aqui por dificuldades alfandegárias e de câmbio monetário.

Não temos ainda pormenores sobre o enredo do filme, cujas protagonistas são Harry e Tonny, «boxeurs» da policia alemã e inglesa. A história resum-se no aventura dos dois na nossa pórt, durante o tempo em que o barco, onde viajam, nêle permanece.

O argumento é de Harold Bratt e a música de Ernst Leenen. Os operadores foram Wilhelm Schmitt e Fritz von Friedl, e architectos Depenou e Vollbrecht. A montagem é de Wolfgang Becker.

«90 minutos de demora» agradou em tôda a linha, mantendo-se o público sob tensão desde o começo até ao fim, aplaudindo os protagonistas quando os viram entre a assistência.

Como se tornaram actores

A falta de sorte noutros campos de actividade foi a causa determinante de muitos actores se haverem dedicado à cinematografia. É curioso notar que muitos dêles triunfaram, a despeito da sua falta de confiança.

Leslie Howard é um exemplo dos mais frisantes. Howard, que em breve abandonará a sua carreira de actor para se dedicar a escrever para o Teatro, confessa que a primeira coisa que o impeliu a representar, no teatro, foi o facto de estar quasi morto de fome...

Foi logo depois da guerra mundial. Havia regressado a Londres, como official de cavalaria, resolveu a não ser negociante, mas a ganhar a vida, se possível fosse, como dramaturgo.

Estava quasi terminando o seu primeiro drama, quando verificou que se encontrava sem dinheiro. Por uma casualidade, ofereceram-lhe um papel insignificant, numa produção teatral. E foi assim que começou.

Robert Taylor queria ser médico e, na sua meninice, economisava tudo quanto ganhava, para realizar um dia a sua ambição. Mais tarde, quando entrou para uma escola de preparatórios, continuou a trabalhar para conseguir, pelo menos, algum dinheiro com que pudesse pagar as despesas relativas ao curso médico, que projectava seguir. Muitas vezes, viu-se face a face com o insucesso, devido à falta de recursos financeiros para poder continuar os seus estudos. As preocupações dramáticas eram secundárias, não obstante, foi essa a sua ocupação secundária que lhe serviu de passo dianteiro para o êxito que o destino lhe reservava. Foi quando representava um papel numa peça colegial, que um «explorador» da Metro o viu e o procurou nos bastidores. Dessa conversa resultaram provas cinematográficas e, mais tarde, o inevitável contrato.

James Stewart alimentava ambições de ser architecto. Andava tão seduzido pela architectura que foi diplomado



Bonnie Bannon, June Wilkins e Pauline Craig, sorridentes e felizes, aprestom-se para o sua «partida» motinal.

com distinção na Universidade de Princeton, onde iniciara o seu curso. E seria, por certo, ainda hoje, architecto, se não fôsse a crise que assolou o mundo.

Recebeu o diploma, um mundo repleto de desempregados. Andava sem vintém. A única oportunidade que se lhe deparou foi no Princeton Triangle Theatre, em Cape Cod. Descobriu que gostava de representar no teatro e logo recebeu um papel numa produção teatral em Nova York, que é a rota infalível para Hollywood...

Brian Aherne desejava muito ser novelista, mas encarava essa ambição muito cautelosamente. Trabalhou como empregado de escritório até economizar algum dinheiro. Escreveu dúzias e dúzias de historietas e verificou que tinha mais respostas negativas das firmas às quais havia submetido o seu trabalho, do que dinheiro.

Jeanette MacDonald, Nelson Eddy e Allan Jones, todos os três têm algo de comum, nas suas carreiras. Não chegaram a ser actores, senão depois de haverem triunfado noutros campos de actividade.

PARA MANTER A LINHA

As vedetas dos estúdios descobriram que o segredo para se conservarem em boas condições físicas, está no trabalho e não nas dietas alimentícias. Devido à nova tendência de produção de filmes ao ar livre, com cenas de acção intensa, não têm já necessidade de se preocupar com dietas.

A vida de Joan Crawford nos estúdios é tão activa que abandonou as dietas. Mauren O' Sullivan, que, actualmente, trabalha com Johnny Weissmuller em *Tarzan Escapes*, não tem necessidade de se curvar cerca de doze vezes por dia, para manter a linha. Com efeito, tem que trepar por rochedos perigosos, transpor rios, lançar-se de árvore para árvore, etc. «Depois dum dia assim, não preciso de dietas», declarou Maureen.

Jean Harlow, durante a produção do filme *Riffraff*, em que apareceu recentemente, saía todos os dias com os barcos de pesca de algum. «É verdade que não apareci nas cenas de pesca», disse Jean,

«mas gostava tanto de sair no barco-motor, que, quando voltava, o efeito do ar do mar e o baloiçar do barco, me proporcionavam um exercício mental e físico excelente. Além disso despertavam-me um apetite maravilhosos».

Quando se achava no Lago Talloe, para as cenas de *Rose Marie*, Jeanette MacDonald andava a cavalo diariamente pelas montanhas. Jeanette divertia-se muito, explorando a região e admirando a beleza selvagem da natureza.

«Não há nada como passear de bicicleta para exercitar o corpo», disse Cecilia Parker, que no seu recente filme, *Ah, Wilderness*, apareceu em várias cenas andando de bicicleta, ao lado de Eric Linden. Quando acabava o dia, ambos se entusiasmavam tanto com tal desporto, que deram uma volta de bicicleta pela cidade do estado de Connecticut, onde foram filmadas as cenas. Assim tiveram ocasião de admirar os pontos principais da cidade em estilo antigo.

Atenção... Silêncio... Motor...

As primeiras filmagens de «CINCO REIS DE GENTE»

A piscina do Sport Algés e Da-fundo. Leitão de Barros, ainda com *Bocage* por estrear, inicia novo filme. *Cinco reis de gente* é aquela pequena prodigiosa que se chama Mirita Casimiro. São uns «cinco reis» que uão se pagam, agitados, cheios de graça e jovialidade.

Quem é que depois de ver a Mirita no *João Ninguém*, deixará de pensar numa comédia cinematográfica, vivida por ela?

Pois aí vem a comédia. Sob a direcção de Barros, as primeiras imagens já foram filmadas.

* * *

O «dedo» e o gosto de Leitão de Barros são coisas que se conhecem ao longe. Têm personalidade tôdas as suas realizações, cinematográficas ou não. Têm bom gosto, bom sentido e um objectivo que se atinge — espectáculo.

Exactamente, a piscina do Algés está, no dia 5 de Outubro, espectacular.

Prodigiosa de arranjo, cenário de disposição perfeita, toldos, mesas onde nadadores, gentilíssimas raparigas e algumas fantasias, do guarda-roupa da Tóbis tomam café ou chá, como se quiser, porque as chávenas estão vazias.

Sobretudo há aqui cor. Cor que embora se não veja depois, no claro-escuro das imagens, se há-de sentir, adivinhar se quiserem.

* * *

Leitão de Barros, incansável, dispõe, instrui. São os últimos retoques — os últimos tons da aguarela.

Sente-se, nos espectadores (a multidão hoje não é grande) um pouco de mistério.

Quem vem lá? De que consta isto?

Manuel Cardoso, com uns bigodes muito hisurtos é um polícia violento, telesíssimo e pela facilidade com que tira o «chanfalho», até parece a sério.

Está muito bem disfarçado.

Há um bombeiro, quasi uma escada «Magirus», que tenta apagar o fogo no coração de certa ama, dedicadíssima ao hébê de papelão que traz ao colo e vermelha como um tomate em estado comatoso.

* * *

Inglês de verdade, fato novinho em folha, António Silva faz a sua aparição: nariz vermelho como é próprio dum amigo do «whisky».

E, entrando nas indiscreções, podem ficar sabendo que, em *5 Reis de Gente*, Silva é um milionário com a mania do

roubo, quando se «emborracha». Supo-nham que tormento.

Pelo contrário, nas horas calmas de ausência alcoólica, semeia dinheiro por todos os lados. Não ver...

Entretanto, admirem que belo cachimbo ãle tem, novinho em pau, como os sapatos são novinhos em «Zehú» com boa sola de «Pancos».

A volta, só de olhar para ãle, está-se tudo a rir. Realmente «cheira» a boa piada.

* * *

Atenção. Está tudo disposto. Aprontam-se os reflectores. As máquinas 1 e 2 estão a postos. O vozeirão de Bessone transmite as ordens de Leitão de Barros.

— Fazem favor: é preciso mais gente na bancada do tópo norte. Passa multidão para o tópo norte.

O realizador de *5 Reis de Gente* tem aqui em baixo na primeira fila, uma «galeria popular» burlesca e espalhafatosa, bigodes falsos, cabeleiras postiças. Tudo isto, dentro em pouco, na fúria de ganhar um prémio, vai parar à água. Mas não há perigo de morrerem afogados, porque são bons nadadores. O Azinhais está de casaca. O Carrelhas de marujo «de água doce» e etc., etc... mais e mais — é o grupo que concentra o exagêro do típico.

* * *

Na borda do tópo norte, de baixo dos toldos, toma-se café, conversa-se e passeia-se. Há quem tenha até um ar distinto, um ar solene que não se pode manter por muito tempo.

Para o canto do lado nascente procura-se multidão.

Um cavalheiro envergonhado, aqui ao pé de mim, quasi se faz vermelho quando o convidam:

— Não, não. Eu vim só para ver, não quero entrar «nisso».

— Faz favor. É preciso dar um aspecto de gente.

* * *

Atenção. Exactamente 3 e meia. Vai-se começar. Bessone volta a transmitir ordens de Leitão de Barros.

— Os grupos do cáis norte passeiam ao fundo, o Bombeiro fica firme junto à parede, e Ama fica onde está. Silvina escolhe um par. Mas Silvina (é a Vieira Alves), talvez para não arranjar um «par de botas» com o namorado, escolhe uma rapariga.

Bessone insiste:

— Silvina escolhe um rapaz.

Mais ordens:

— António Silva bebe café; O sr. Alves, quando ouvir a palavra *Motor*, conta até 5 e diz que o milionário ofereceu 10 contos ao primeiro que se atirar à água; tudo mergulha nessa altura; o Bombeiro agarra a ama; o Policia temia manter a ordem dentro da água; o rapaz dos balões mergulha com balões; Manaças leva atrás de si, para dentro da água, mesa, tóldo, cadeiras e tudo mais. Atenção, vamos ensaiar.

Ensaia-se.

Mas, claro, ninguém se atira à água porque se ficava impossibilitado de filmar, depois, a cena.

* * *

Ensaia-se.

São precisamente quatro horas. Dos camions de som, lá fora, chega sinal: tudo pronto.

Leitão de Barros começa: Atenção... Silêncio... Motor. Filma-se. Mas a primeira coisa que o sr. Alves faz é não contar até cinco. Diz mal as palavras, engasga-se e Leitão de Barros volta atrás:

— Corta, corta.

Nesta altura foi o desastre. A multidão sente nos bérros exaltados de Leitão de Barros, uma ordem para se deitar à água e não vacila. Num momento vai a cena tóda por água abaixo.

Tanto trabalho. Necessário voltar noutro dia porque agora ficou tudo enchareado.

As senhoras saiem a escorrer de dentro de água, a mancha do «maillot» marcada, sob o vestido. Desmancha-se o frisado das cabeleiras. Perdem-se os halões. Suja-se a água. Molham-se as guias do bigode policial. Perde-se o trabalho enorme de tudo afinado, composto tudo isto.

* * *

Algo, contudo, se aproveita desta tarde. Vão-se filmar algumas imagens accessórias para a montagem da grande cena.

É o magala que grita de alegria, contemplado com dez contos de réis. É o polícia que tenta manter a ordem, polícia perseguido e perseguidos. É, finalmente o polícia que apanha uma «tosa».

Mas antes, como Leitão de Barros o quere de «guias» levantadas, bastante hisurto, é preciso ir aos domínios do guarda-roupa. E o realizador de *5 Reis de Gente* grita muito sério:

— Oh Amaral: traga um bigode novo para o polícia.

FERNANDO GARCIA

OS FILMES DA SEMANA

AS DUAS GAROTAS DE PARIS — Realizador: René Hervil. Intérpretes: Alice Tissot, Abel Tarride, Maurice Escande. — Após ter sido, há algum tempo, representada num teatro de Lisboa, a peça extraída da obra de Louis Feuillade «Les deux gamines», torna-se interessante a apresentação do filme, que conserva a mesma índole do folhetim, idênticas cenas de ternura e mistério, que tanto emocionaram os nossos avós.

Genette e Gaby voltam a comover as boas almas com o seu infortúnio doloroso, que se precipita numa apoteose de paz e felicidade.

A história é-nos contada com simplicidade, tallhando bem as figuras dentro da maldade ou sedução que as caracteriza.

Pelo filme passam os elementos com que o público se delicia e sensibiliza: ódio, amor, fugas emocionantes, raptos audaciosos. Há momentos em que somos forçados a recordar o tempo dos filmes em episódios, com os seus golpes de terror, as suas lutas entre o mal e o bem...

René Hervil realizou o filme com correção, embora, por vezes, a acção se confundia e a falta de ritmo se fazia notar.

Desempenho a cargo dum grupo de bons actores. A garota que encarna a figura de Gaby, merece especial referência. Tem expressões bastante vinçadas que tornam o seu trabalho valioso.

CAWALABIA LIGEIRA. (Leichev Kavalierie) Realizador W. Hochbaum. Intérpretes: Mona Goya, Constant Remy, Gabriel Gabrio, etc.

Mais um filme que relata a vida nos circos de variedades. A história é-nos contada com muito acerto, de forma que resultou um espectáculo equilibrado e recomendável aos amadores de bom cinema. Tem como «clou» um acto final de «music-hall» que se pode classificar de notável no seu género.

O trio Constant Remy-Mona Goya-Gabriel Gabrio resultou magnífico; resumiram-se numa brilhante interpretação três artistas de boa categoria, cujos valores se equiparam.

Com esta sessão de abertura Raúl Lopes Freire convenceu-nos da excelência da sua programação e tudo leva a crer que o Central, na presente época, continue a ocupar o lugar de destaque conquistado nos anos anteriores.

(Distribuição: Raúl Lopes Freire, L.ª; Exibido no «Central»). — R. F.

ROSE MARIE — Realização de W. S. Van Dyke. Intérpretes: Jeannette Mac Donald, Nelson Eddy e James Stewart. — As vozes privilegiadas de Jeannette e de Nelson Eddy brilham a tóda a altura, entoando a partitura inspiradíssima, opereta célebre, que fornece bastos motivos para o espectáculo de musicalidade e de sonho, que W. S. Van Dyke realizou com a sua proverbial competência. A anedota é pueril? De certo, mas é bom não nos esquecermos de que estamos em presença duma opereta, que não pode defender teses nem impingir argumentos «substanciosos», como alguns pretenderiam. Van Dyke deu-nos uma *Rose Marie* cheia de beleza plástica e auditiva, de principio ao fim, uma *Rose Marie*, cheia de paisagens maravilhosas e canções enhaladoras.

A representação da *Tosca* e de *Romeu e Julieta*, a cena do eco, e as paisagens do lago Tahoe, em plenas Montanhas Rochosas, garantem só por si o êxito deste filme, que o obteve, aliás, em todo o mundo um triunfo insuspeito. (Produção da Metro-Goldwyn-Mayer, exibido no «São Luiz»). — M. A.





ROSAS NEGRAS

NA tela do Central Cinema, começa, hoje, a exhibir-se *Rosas Negras*, o primeiro filme de Lillian Harvey, feito na Alemanha, após o regresso da América.

Os leitores decerto se alegrarão com esta notícia, visto que Lillian Harvey faz parte daquela pleiade de artistas que os cinéfilos portugueses mais distinguem e querem.

Basta ouvir o nome de Lillian Harvey para se conceber qualquer coisa de ligeiro, subtil e encantador, como só ela sabe exteriorizar nas suas danças e no desempenho dos papéis cinematográficos. Quando assistimos à reexibição dum seu filme, notámos logo que a película, por mais antiga que seja, não perdeu nada do seu encanto. No *Sonho Dourado* como no *Congresso que dança*, Lillian Harvey é sempre a vedeta dos nossos sonhos, a menina bonita dos cinéfilos, que enche a tela com a sua graciosidade, empolgando todos com a sua voz adorável, o seu «charme» pessoalíssimo.

Depois que regressou à Alemanha, Lillian Harvey foi contratada pela Ufa para o grande filme *Rosas Negras*, no qual a popular estrêla tem um difficil papel dramático e coreográfico, ao lado

de outro artista bastante querido do nosso público: Willy Fritsch.

A acção dessa película desenrola-se na Finlândia em princípios do século

XX, na época em que a mocidade finlandesa se revoltava contra a tirania dos russos. Lillian Harvey é a grande bailarina da ópera, Marina Feodorowna, que o govêrno russo protege e ama, a qual se apaixona por um jôvem finlandês que se esconde nos seus aposentos ao ser perseguido pelos cossacos.

A novela é cheia de interesse e decorre num ambiente de luxo, organizado em perfeito entendimento com as necessidades actuais dos filmes de grande espectáculo. De facto, desde as maravilhosas cenas da ópera, onde Lillian Harvey rodopia mansamente, como se o seu corpo fôsse feito de sonho, interpretando admiravelmente obras famosas, da o célebre «Bailado das horas», da «Gioconda» e a «Valsa Tristes», de Sibelius.

Rosas Negras é, pois, uma película lindíssima que se destina — estamos disso certos — a realçar as brilhantes tradições do Central-Cinema, pelo que não hesitamos em recomendá-la aos nossos queridos leitores, felicitando, ao mesmo tempo, a Sociedade Raúl Lopes Freire L.da, por trazer a Portugal tão notável obra do cinema alemão, realzada por Paul Martin.



Em cima: Lillian, vaporosa, na transparência da sua fala e na graciosidade das suas atitudes, dança, no grande baile do côrte. Em baixa: Um momento emocionante, com Lillian Harvey e Willy Fritsch.

Um importante jornal alemão, recentemente chegado a Lisboa, publica esta curiosa passagem dum livro inédito escrito por um amigo íntimo de Greta Garbo, seu confidente e grande admirador.

Achamos interessante esta página em que se fala da ida de Garbo para a América e da forma como foi feito o primeiro contrato para a Metro-Goldwin-Mayer.

Fala-nos também do feitiço de Greta Garbo e de certas passagens da sua vida íntima.

Por tudo isto, e ainda porque os leitores têm Greta Garbo como um dos

no tempo
EM QUE

GRETA GARBO

MÃO ESQUERDA



ESTRELA...

ciosamente dêsse olhos tam belos e tam calmos. A seu lado parece-lhe que continua a ouvir as vozes que segredam: «Stiller sá com Einar Hanson». Garbo tapa os ouvidos com as palmas das mãos; agora não quer ouvir mais nada, quer dormir. De manhã, quando se vê ao espelho, fica aterrada com o mau parecer que este lhe revela. Resolveu tomar um banho quasi gelado.

No estúdio, apareceu bem disposta e foi alegremente que deu os «bons-dias» aos colegas. Só o trabalho a distraí e procura livrar-se de todos os obstáculos sentimentais. E assim, durante o tempo que vive a vida intensa do estúdio consegue esquecer; só depois de sair é que voltam os maus pensamentos e quando chega ao quarto voltam as lágrimas.

Garbo não quer falar a Einar Hanson; deseja nunca mais o encontrar.

Diante da câmara o estado nervoso em que se encontra manifesta-se por vezes. Para afugentar a neurasenia que lhe eria a vida solitária começa a acompanhar com Sorkin.

— «Vamos dançar?».

— «Não — responde Garbo. Estamos num café onde está muita gente».

Sorkin recorre a todos os processos possíveis e imaginários para distrair Garbo. Só a pouco e pouco consegue conquistar-lhe a confiança. Mas essa confiança traz a Greta Garbo uma única alegria. A possibilidade de contar e discutir a sua vida confidencial e o seu passado. Sorkin passa a ser considerado como uma pessoa de família e não como um amigo que a acompanha a diversões.

Uma mulher económica

Podríamos tomar por avareza o feitiço comido de Greta Garbo, se não nosbêsemos que nos países nórdicos ninguém classifica assim esta preocupação primordial da economia.

Em todo o caso, é certo que Greta Garbo talvez nunca se decidisse, durante a sua vida, a fazer uma despesa inútil! Nunca se conheceu a actriz alguma que tivesse tam poucas exigências como Greta Garbo!

Durante a sua estada em Berlim nunca gastou um «pfennig» com um objecto inútil... mas bonito.

As pequenas despesas diárias eram pagas por aqueles que a acompanhavam.

Calçado, meias e vestidos compravos por conta da firma produtora. O calçado era o único objecto da sua toilette

seus principais ídolos, resolvemos fazer a tradução:

O grande Stiller estava na Alemanha e queria voltar para a Suécia na semana seguinte a fim de recomençar trabalho para a Svenska.

Mas não precisou de voltar para a Suécia pois vieram procurá-lo a Berlim. Recebeu a visita duma importante personalidade que o queria contratar: o Senhor Mayer, da Metro-Goldwyn.

Apesar das suas relações com Greta Garbo terem esfriado durante os últimos dias, por razões pessoais e íntimas, Stiller respondeu a Mayer nos seguintes termos:

«Não irei para a América senão com uma condição: é que contratar também Greta Garbo».

Mayer nunca ouvira falar em Garbo. «Uma rapariga com extraordinário talento e de uma beleza como raramente se vê» dizia Stiller com a sua voz lenta e cantante.

Mayer desfechou imediatamente três perguntas: «Só bonita? É uma actriz de valor? É muito conhecida?».

Stiller procurou fotografias para lhe mostrar. O magnate dos filmes olhou atentamente todas as fotos mas não mostrou qualquer entusiasmo.

Stiller exige 400 dólares por semana. Começaram a combinar o plano para a estreia de Greta Garbo. Assim como

Pahst aceitára tudo para conseguir Greta Garbo, Mayer aceita Greta Garbo para conseguir Stiller.

Mayer calcula que é fácil arranjar uma colocação vantajosa para Garbo na grande América e portanto deve ver-se livre dela passados dois ou três anos.

Só faltava apresentar Greta Garbo a Mayer. Combinaram jantar juntos, os três, uma noite. E nessa mesma noite, num «bar» a oeste de Berlim, assinaram os contratos. Stiller espera uma palavra de agradecimento pronunciada por Garbo mas ela limita-se a brincar com essa folha de papel que, por um ano, lhe assegura a tranquillidade; tem os olhos cheios de lágrimas. É-lhe impossível falar; pede a Stiller que a acompanhe a casa. Ao levantar-se, quebra uma taça de champagne.

Que estranho carácter o de Greta Garbo que chora ao receber o contrato duma das maiores firmas da América!

Mayer julga que são lágrimas de alegria e regosija-se com isso.

Mas Stiller sabe bem o que é... e lança olhares furiosos através dos vidros da carruagem que os conduz...

* * *

Alguns dias depois declarava ela a Pahst: «Gosto da sua maneira de trabalhar; habituei-me bastante a esta cidade. Se me oferecessem aqui um contra-

lo seguro, não iria para a América. Mas preciso de mil marcos por mês, porque a minha familia duvidaria do meu bom senso, se ficasse em Berlim com contratos muito inferiores dos que devo receber na América».

A melancolia de Garbo

Greta Garbo via-se só numa cidade estrangeira e gostaria de encontrar em Stiller o mesmo amparo que encontrára outróra.

Mas Stiller andava dias e dias com mau génio insuportável e Greta Garbo fazia duras experiências. Muilas coisas que ela aceitára, preferindo não as profundar, pareciam-lhe hoje inadmissíveis. Os desgostos causam os maiores danos nos corações jovens que ainda não aprenderam a esquecer ou a atordoar-se entre a multidão que frequenta divertimentos frívolos.

«Garbo sentia que Stiller era cada vez mais atraído por um género de amor que nada tinha de comum com o que ela concebera.

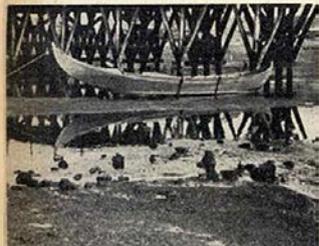
* * *

Chegada à esplanada, sobe imediatamente para o seu quarto e encerra-se aí. A sua almofada está húmida: Greta Garbo chora. As lágrimas correm silen-

ECOS CINEMATOGRAFICOS DOS JOGOS OLÍMPICOS EM BERLIM



Uma imagem de «O Sonho da Bêbê»



Em cima e em baixo: Duas imagens de «Leixões»



Em baixo: A reunião do Júri



parte como as nossas equipas olímpicas — um pouco ao acaso, sem a nítida consciência do que iríamos fazer. Apenas prenderam os nossos orientadores — o Cinema e no Desporto — marcar uma posição, IR, cumprindo o grande lema olímpico de que não é preciso vencer, basta concorrer...

Os amadores portugueses, quasi na sua totalidade, limitam as suas ambições a filmar as pessoas da família, a entregar aos laboratórios Kodak ou Agfa, o seu filme para revelar, e a projectá-lo depois em casa, sem o mínimo cuidado de «limpeza», de montagem, sequer do adjunção de legendas.

Ora, como dizia há dias um amador francês, na revista «Ciné-Amateur»:

«Apprenez, mes frères, Co que c'est que le cinema: Ce n'est pas seulement de faire Le portrait de votre grand'mère. C'est de l'Art avec un grand A.

No Grémio Português de Fotografia, nas suas sessões mensais de Cinema de Amadores, apenas tivemos ocasião há anos de apresentar uns filmes holandeses do amador Knegt, que não eram uma eloquente expressão do estilo daquela Arte. Mais nenhum contacto puderam os nossos amadores ter com o verdadeiro Cinema, esse «Cinema pelo Cinema» que é feito pelos amadores de categoria no estrangeiro, que tem um nome que talvez faça sorrir, o de «Cinema de Amadores», porque apenas quer dizer que é independente, que não está sujeito a qualquer questão comercial, a simpatias ou preferências do público, no qual são, por conseguinte, permitidas todas as audácias, todas as tentativas, todas as tendências.

O Grémio Português de Fotografia (Sub-Secção de Cinema), verificando este facto pelos olhos do seu Presidente, que me honro de ser, imediatamente procurou que durante a época que vai correr, fôs-

sem projectados alguns filmes estrangeiros bem expressivos dessa nova linguagem, cuja gramática, cuja estilística, cuja poética, eu próprio, que ando constantemente empenhado no assunto, desconhecia por completo. E obtive promessas dos clubes austríaco, húngaro, franceses e espanhóis, duma assistência, duma ajuda pedagógica a um grupo de amadores que se estreou nas competições internacionais com um segundo prémio — o obtido pelo «Sonho Infantil» do sr. Fernando Ponte e Sousa.

Durante as primeiras sessões do Júri a que eu pertencia, sucedeu-me uma coisa semelhante à que conta Bela Balazs, o grande esteta cinematográfico, no seu belo livro «Der Geist des Films» (O Espírito do Filme), a propósito da criação deste novo órgão do corpo humano, o filme:

Na Ucrania, a centenas de quilómetros duma estação «terminus» do caminho de ferro, vivia um homem, antigamente proprietário e, depois da revolução, administrador dumas terras. Há 15 anos que não ia à cidade, embora fosse bastante intelectual, lesse todos os livros novos, jornais, revistas, possuísse um aparelho de T. S. F. e permanecesse em contacto, embora longínquo, com todas as manifestações espirituais da época que decorria. Simplesmente, nunca tinha ido ao Cinema.

Uma vez, precisou de ir a Kiev e viu, pela primeira vez, um filme. Era uma película simples, ingénua, uma aventura de Douglas Fairbanks. À volta dele sentaram-se muitas crianças, que se divertiram muito. O nosso homem estava espêcado diante da tela, com a testa franzida, extraordinariamente concentrado, aflito, a tremor de receios e olegante no seu esforço de compreensão. Saiu dali esgotado, quando a sessão acabou. — «Então, que tal te pareceu?» — perguntou-lhe um amigo. — «Muito, muito interessante. Mas, o que é que era o filme, que não percebi?»

Não tinha entendido! O onrédo, que todas as crianças, facilmente, puderam seguir, tinha-lhe escapado! Havia uma linguagem nova, que era corrente entre todos



O alemão Woolke, lança o peso



Leni Riefenstahl acompanha, de avião, o facho olímpico

os da cidade e que éle, o intelectual culto, ainda não entedia!...

* * *

Eu também preguntava a mim mesmo, no fim de cada filme, porque razão tinha éle ido ali, onde estava o somatório de qualidades que o tornavam o escolhido para representar os amadores do seu país. O meu critério era — confesso-o — com toda a sinceridade — um pouco o do crítico do cinema profissional, porque, digamos também com franqueza, até então sofria bastante dessa grande falta de cultura especial, confundindo, sobrepondo nas devidas proporções, os estilos, as possibilidades e exigências do cinema de amadores o do

concorreram ao certame de Berlim, cheios de sensibilidade, de delicadeza, de suavidade de ritmo!...

No dia em que terminaram as cerimónias da classificação dos concorrentes, o diário berlinense «Licht Bild Bühne», o mais antigo diário alemão que se dedica ao cinema, publicava um artigo de fundo sobre os filmes de amadores, que se intitulava: «Eis aqui os poetas do Filme» (Hier sind die Dichter des Films). E citava o facto de Leni Riefenstahl ter chamado amadores para o seu filme olímpico, aconselhando os produtores de filmes, os directores de produção, os realizadores, a encaminharem os seus discípulos e agregados, para o filme de amador. Em quantas centenas de cabeças de estudantes e de outros jovens existirá essa visão do Mundo e da Arte que se poderia tão bem exteriorizar de maneira económica e imediata pelos filmes de formatos reduzidos!

* * *

Preguntar-se-á agora com que critério foram escolhidos pelo júri da Sub-Secção de Cinema do Grémio Português de Fotografia, os filmes que representaram em Berlim os amadores portugueses.

O G. P. F. realiza todos os anos o seu Concurso Nacional, como, de facto, determinam os acordos internacionais. Não são nunca muito concorridos esses certames. Todos os amadores, ou quasi todos, entendem que os seus filmes não merecem ser mostrados. Não procuram, também, ver os dos outros, e desinteressam-se pelos progressos do seu passatempo. É o que se verifica igualmente com a Fotografia. Quantos amadores há que visitem as exposições, leiam as revistas, sejam sócios do Grémio, onde quinquenalmente, em reuniões cheias de interesse, se discutem os vários problemas e se comunicam os mais recentes aperfeiçoamentos da sua arte?...

O filme «Leixões» do sr. Engenheiro Corneiro Mendes impressionou como um documentário folclórico magnífico, excelentemente fotografado e com uma apresentação de bom gosto. Quando, em Berlim, comecei a entender o estilo do Cinema de Amadores, vi logo que o documentário português, apesar das suas magníficas qualidades, faltava «a ideia». Pierre Boyer



O discurso de Hitler, é filmado cuidadosamente

disse-nos: «Que material admirável existe nesse filme! É um álbum interessante e completo, mas é um álbum...». Não que

lhe falte movimento e cinema... Mas o assunto está apresentado ao correr do filme, sem que à sua exposição presida outra orientação que não seja apenas a de mostrar o que os olhos vão vendo. E o Cinema de Amadores não é só isso. Ainda assim, «Leixões» foi classificado em 10.º lugar entre 13 filmes, acima do húngaro, do polaco e do yugo-slavo, o que também contribuiu para a classificação de Portugal em 7.º lugar entre as 13 nações concorrentes.

O «Sonho Infantil» do sr. Fernando Ponte e Sousa é um filme de bonecos animados, muito conhecido dos frequentadores das sessões mensais do Grémio de Fotografia. Impõe-se imediatamente pela sua técnica e nós confiamos muito nele. Já no ano passado tinha ido ao 4.º Concurso Internacional de Filmes de Amadores, realizado em Barcelona, mas não chegou a tempo, por dificuldades allandogárias, para ser visto pelo júri. Ficou, portanto, fora da classificação, mas alguém o viu o tão bem impressionou que mereceu a honra de ser exibido com os filmes premiados no Concurso, numa sessão especial para apresentação daqueles. Como a crítica o recebeu, veremos nós no próximo artigo.

ANTÓNIO DE MENESES

(Em exclusivo para «Cine-Jornal»)

O Governo de Hitler entendendo, da maneira que descrevi no meu último artigo, o alcance do Cinema de Amadores, como linguagem, como método de propaganda cultural, de divulgação de costumes e de intercâmbio intelectual, bem como um excelente treino para futuros profissionais — assegurou finalmente o êxito desta «olimpíada do filme», como se dizia em Berlim em fins de Julho passado. O júri estava reunido pontualmente, todos os dias às nove da manhã, assistia à projecção de filmes, almoçava ali mesmo na «Kameradschaft» e continuava a sua sessão de projecção e classificação pela tarde adiante. À noite, voltava novamente ao trabalho, e no último dia, para acabarmos com a tarefa e principiar a parte divertida, os passeios e as excursões, estivemos a classificar filmes até às 3 horas da manhã, rugada!

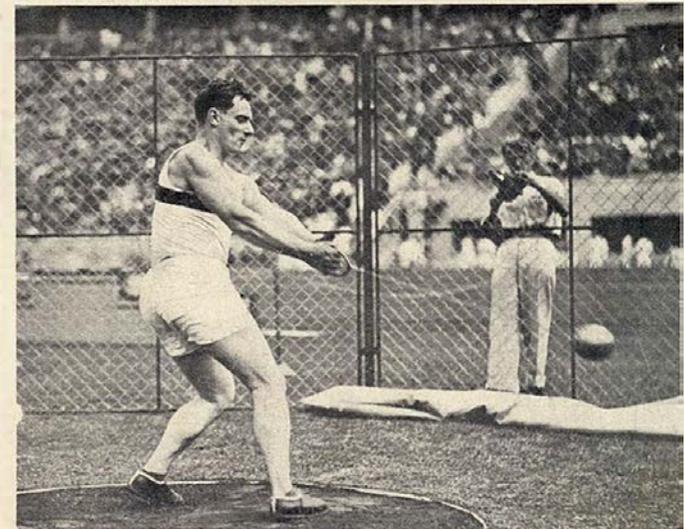
E que soberba revelação foi para mim este cinema de Amadores! Em Portugal, nem os amadores do filme de formatos reduzidos, passa-se tal e qual o mesmo que se passa no desporto. O nosso mal fundamental é a falta de contacto com o estrangeiro. Em matéria de Cinema de Amadores, posso afirmá-lo e justificá-lo, os amadores estão absolutamente, a zero, quando vamos por aqui e fomos a Berlim, em



Uma foto única e sensacional: O desfile da representação portuguesa, em Berlim

cinema profissional, sobretudo na categoria dos documentários. Assim, classifiquei erradamente os dois ou três primeiros filmes que vi. E como tivesse reparado que os ases que me rodeavam, utilizavam um critério muitíssimo diferente, pedi a um dos delegados tchecos — o respeitável Beer, com as suas barbas de apóstolo, e que me pareceu o mais paciente e o mais generoso dos meus camaradas — que me elucidasse, que me desvendasse pouco a pouco os segredos dessa nova Arte, que me apontasse uma a uma as qualidades e os senões de cada um dos filmes. Tão completo era o Mestre e tão solícita a sua boa vontade, que depressa me iniciei, e em breve as minhas classificações jogavam certo com as da maioria. E bem grande era o material em que me exercitei!

Não era a fotografia, não são os ângulos ou os «trucs», mas «a ideia», a directriz, o subentendido, — que dão a classe ao filme de amadores. Servida pela fotografia, pelo ritmo, pela montagem, pelo desempenho, existe sempre nos bons filmes de amadores, a espiritualização, a intelectualização, o «au-delà». Essa satisfação cerebral que eu poucas vezes encontrara nos filmes de profissionais europeus e cuja ausência sempre lamentei nos filmes de origem americana — fui encontrá-la no Cinema de Amadores, e todos a podem ver ali! Que sensação de irrealidade e poesia, de sobrenaturalidade, eu recebi dalguns dos filmes franceses que



O alemão Heine, ganha a medalha de ouro, lançando o martelo

A FULGURANTE CARREIRA DE JAN HEESTERS CINCO SEMANAS DE FILMAGENS EM OSTROLENKA

COMO o tempo passa! Há cinco semanas que nos despedimos, no aeroporto, de um pequeno grupo de viajantes que num dia chuvoso de Maio seguiu viagem para Varsóvia. E ainda tive que tranquilizar uma jovem, de olhos chorosos, que se queixava de estar sempre a despedir-se «deles».

Hoje, porém, é dia de alegria, e o sol de verão brilha nas asas metálicas dos aviões. Reunimo-nos no aeroporto para dar as boas-vindas aos expedicionários da Ufa, que passaram semanas inteiras de trabalho na Polónia.

Entrámos no restaurante do aeroporto. Sento-me ao lado de Willy Birgel, que responde aos meus quesitos, com a sua proverbial amabilidade.

— Fizemos — disse ele — uma verdadeira vida de acampamento, com tendas, fogueiras de noite, e cozinha ambulante, uma vida destituída de todo o conforto dos tempos modernos, mas absolutamente recomendável como o exercício de treino para quem quiser percorrer os desertos ou os gelos do polo. Tínhamos também cinco vagões ferroviários que em parte nos serviram de moradia e que puseram gentilmente à nossa disposição na pequena estação de Ostrolenka. Durante os primeiros dias, caiu uma chuva miudinha e imperlante que não nos deixava trabalhar. Depois da chuva veio finalmente o sol, mas um sol de canícula que transformava as nossas modestas habitações em verdadeiros fornos. Mas enfim, sempre se podia trabalhar, pois, como sabe, o sol é o requisito mais importante das cenas de exteriores.

Se já era um verdadeiro castigo passar em semelhante soalheira, imagine o martírio que passei filmando debaixo de sol e de poeira com um uniforme muito justo e botas altas! E com os companheiros, a mesma coisa. Enfim, a gente habituou-se a tudo, e o caso é que finalizámos o nosso trabalho a contento de todos.

De resto, também passámos horas agradáveis, em convívio com os oficiais de um regimento polaco de ulanos que nos deram conselhos e tiveram a amabilidade de ceder os seus cavalos e vários apetrechos de que necessitávamos. Passávamos as noites a ouvir música, a tomar «wodka» e a contar anedotas e proezas de cavalaria.

A pequena e histórica cidade de Ostrolenka está situada a 130 quilómetros de Varsóvia. Nos arredores vêem-se os grandes cemitérios dos mortos da guerra. Ostrolenka foi teatro de grandes batalhas em 1915, e o povo ainda hoje fala desses tempos de pavor. No dia de Corvo de Deus fomos denor uma coroa de flores no monumento do soldado desconhecido.

Não nos cansámos de salientar a amabilidade com que os polacos nos ajudaram, durante o nosso estágio em Ostrolenka. Como o argumento do filme exigisse tropas vestidas com os antigos uniformes da Polónia, o ministério da guerra em Varsóvia cedeu-nos esquadões inteiros de soldados de cavalaria ostentando os uniformes da época.

A tarde, depois do trabalho, iam a cavalo até às margens do rio Narev, de corrente caudalosa. Um banho neste rio, além de ser um verdadeiro alívio em dias de canícula, era também um verdadeiro desporto, porque as águas arrastam fatalmente os banhistas.

E olhe que venho com saúda-

des de Ostrolenka. Não exagero dizendo que a despedida foi pungente para todos nós que nos tínhamos relacionado amigavelmente com os oficiais polacos; e foi também com inensa saúda-

des de nós que esquecerá jamais desses belos dias que passámos na Polónia a filmar os exteriores para o filme «Hitt in die Freiheit» (Cavalgada da liberdade).

Aqui em Berlim espera-nos de novo o trabalho nos estúdios, e espera-me também a minha casa nova do Bosque, que instalaram durante a minha ausência. Ainda nem sequer a vi. Não calcula como estou ansioso por ver o meu gabinete de trabalho. Como sabe, sou colecionador de quadros e de máscaras. Quero ver se está tudo nos seus lugares, se a minha mesa tem boa luz, e se os meus livros estão arrumados como eu gosto, etc., enfim estou com saúda-

des de todas essas coisas que já são um complemento do meu «eu» e que não vejo há mais de um mês.

E dizendo isto, Willy Birgel levantou-se, despediu-se de todos e correu positivamente para o seu automóvel.

Eu fiquei ainda com os colegas de Birgel a ouvir deliciosas historietas da Polónia. Algumas delas até veem publicadas num jornalzinho dactilografado que se publicava no acampamento da expedição e que era redigido pelo actor e locutor de rádio, Berthold Ebbecke, que faz no novo filme o papel de um oficial polaco.

E antes de nos separarmos ainda escreve-nos dúzias de postais para o regimento de ulanos de Ostrolenka a quem se deve uma grande parte da boa disposição com que os actores do novo filme desempenharam os seus papéis.

* * *

Converso com Jan Heesters no jardim da sua casa, situada nessa paisagem aprazível e encantadora que emoldura o lago de Wansee, nos arredores de Berlim. Pergunto-lhe coisas da sua vida e da sua carreira, e Jan responde:

— A minha carreira de actor estreiei-me no teatro aos 17 anos de idade. Isto foi em Amsterdam, primeira etapa de uma série de representações que constituíram para mim uma aprendiza-

gem muito dura, mas que me proporcionou os melhores ensinamentos.

— Quais foram os seus primeiros papéis?

— No princípio da minha carreira representei somente papéis clássicos, o que me familiarizou com Shakespeare. Nesse tempo ainda não sabia que a minha voz era aproveitável. O meu primeiro papel cantado foi a cena do barco na peça «Traumspiel» de Strindberg, com o que obtive um grande e inesperado êxito. Passei então a tomar lições de canto no curso de Mazzuleni, em Amsterdã, e tinha vinte anos quando cantei pela primeira vez numa opereta, o «Estudante-Mendigo», de Millöcker; o mais curioso é que o meu primeiro filme para a Ufa foi também o «Estudante-Mendigo». Alegrou-me muito trabalhar numa cine-opereta cujo título marcou o início da minha carreira no teatro cantado.

— E em que filme trabalhou pela primeira vez?

— Não lhe sei dizer ao certo. Durante a minha estadia na Holanda, tive ocasião de colaborar em vários filmes mudos, nomeadamente em «Polenblut», «Tzarewitch», etc. Tinha eu então 23 anos. Com esta idade trabalhei também no meu primeiro filme sonoro «Bleeke bet», que foi estreado em Amsterdam e que constituiu para mim um verdadeiro sucesso. Entrementes, fazia «tournées» pela província, e também na Bélgica. Depois, trabalhei na mais bela opereta de toda a minha carreira teatral, que é o «Rei dos Vagabundos». Com este título, fiz também o meu primeiro papel num filme sonoro colorido. Por sinal que a minha «partenaire» nessa opereta era uma vienesa a cuja intervenção devo o ter sido contratado, pouco depois, para a Ópera popular de Viena. Neste teatro representei «Estudante-Mendigo», «Tzarewitch», «Orloff», «Condessa Maritza» e outros mais. Esses meus tempos de Viena, conservo as mais gratas recordações. Estive depois em Salzburgo onde trabalhei em dez representações de «Polenblut». Regressei a Viena para representar no «Scala» a opereta «Servus, servus» de Robert Stolz. Como vê, a minha carreira é das mais movimentadas.

— Acêrea da sua vinda para Berlim, e do contrato com a Ufa...

— Vim para Berlim chamado por uma carta da Agência Teatral que me anunciava um contrato com um teatro desta capital. Pouco tempo depois, a Tobis convidava-me para trabalhar no filme «Die Leuchter des Kaisers» (Os castiçais do imperador) com Sybille Schmitz e Carl Ludwig Diehl. Depois, estive na Ópera Cómica a trabalhar na opereta de Snaga «Die Weltmeisterin». Certa noite encontrava-se entre os espectadores um director da Ufa que me chamou no dia seguinte para cantar na séde da sua empresa a mesma canção que eu cantava na Ópera Cómica, com tanto êxito. A minha voz valeu-me nesse momento o contrato para o primeiro filme na Ufa que foi, como já disse, o «Estudante-Mendigo» de Millöcker. Agora, só me resta aguardar o veredicto do público. De resto, tenho muita confiança no êxito do filme. O «Estudante-Mendigo» foi a minha primeira opereta no teatro, e é também o meu primeiro filme para a Ufa; parece-me que é um bom preságio...

Berlim, Setembro de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA

O NUMERO DE ANIVERSARIO

DE

"CINE-JORNAL"

Cine-Jornal comemora, na próxima semana, o seu primeiro aniversário! Não é um facto banal, se atendermos às dificuldades com que lutam as publicações periódicas, num meio árido e difícil como o nosso. Para comemorar o acontecimento, de cujo significado, falaremos, mais de espaço, no próximo número, *Cine-Jornal* publica

na próxima 2.^a feira, um número com 32 páginas, capas e outras páginas a 2 cores, um número recheado de gravuras sensacionais e com uma colaboração que justifica, só por si, o seu interesse!

Assim, entre outros artigos *Cine-Jornal* inserirá os seguintes:

EU, O TEATRO E O CINEMA, por BEATRIZ COSTA.

A PROCURA DUM ESTILO PORTUGUES, por ANTÓNIO LOPES RIBEIRO.

«DEZ REIS DE GENTE», VISTO PELO SEU REALIZADOR, por LEITÃO DE BARROS.

OS CANTORES DE ÓPERA, NO CINEMA, por TOMAZ ALCAIDE.

O HOMEM QUE ME ASSASSINOU, por FERNANDO GARCIA.

«CINE-JORNAL» NA INTIMIDADE DAS VEJETAS DE CINEMA, por ANTÓNIO FEIO.

UMA ENTREVISTA COM LILIAN HARVEY, pelo sr. dr. ANTÓNIO DE MENESES.

Não enumeramos mais artigos, para deixar ainda algumas surpresas. Por esta amostra do sumário, fácil é demonstrar que o número de próxima 2.^a

feira (que se venderá ao preço habitual de 1 escudo) é o maior acontecimento de há muitos anos para cá, em publicações congêneres.



KATHARINE HEPBURN

A dinâmica e inconfundível personalidade de Katharine Hepburn nunca será absolutamente compreendida, mas, na análise do seu carácter, poderá auxiliar-nos uma rápida visão dos primeiros anos da sua existência e das curiosas circunstâncias em que foram vividos.

Katharine teve por mãe uma senhora servida por uma excepcional força de vontade e dona de um espírito desempoeirado, que dotou a filha com as suas tendências e exemplos.

Crescendo, Katharine passou a ter uma vida estruturalmente livre e feliz, estando sempre em contacto com a natureza, passando dias inteiros nos campos e nos bosques que cercavam a sua residência, em companhia dos seus dois irmãos e três irmãs.

A sua compleição física tornava-a respeitada pelas crianças da sua idade e poucas se atreviam a medir forças com ela, certas de que se saíriam mal.

Muito precocemente demonstrou verdadeira paixão pelas representações dramáticas e chegou a construir um teatro-linha nos fundos do jardim. Nesse teatro, Katharine idealizou, dirigiu e aprendeu inúmeras peças, desempenhando ela própria todos os papéis.

As crianças da vizinhança prestavam-lhe cega obediência, aceitando os papéis que Katharine lhes dava e cumprindo todas as exigências. Se, por acaso, um componente do «elenco» ousava rebelar-se, a paz era em breve restabelecida pelo emprego rápido e eficaz da energia e dos punhos da «estrela»...

Katharine tinha verdadeira adoração pelo irmão mais velho e quando este morreu, com a idade de 17 anos, ela,

atingida tão profundamente por este golpe, pareceu deixar, quasi de um dia para o outro, os brinquedos infantis, e o seu carácter transformou-se pelo sofrimento.

Resolvida a dedicar-se com todo o entusiasmo aos estudos, sentiu-se feliz quando deixou a pequena cidade onde nasceu e foi estudar no grande e aristocrático colégio de Bryn Mawr. Estudou diligentemente, preparando o seu nobre espírito para o grande trabalho que já lhe estava destinado. Porém, os anos que passou nesse colégio não foram fáceis, pois, a natureza indomável de Katharine, habituada à perfeita liberdade do lar, dificilmente se submeteu às exigências do regime escolar.

Do colégio, sai, directamente, para o teatro, onde desejava fazer carreira. Foram inúmeros os obstáculos que teve de vencer. Mais de uma vez a sua intempestiva índole, o seu génio fogoso e decidido, e a irreverência das suas opiniões, causaram sucessivas desavenças com os empresários.

Cada director queria que os papéis fossem desempenhados conforme a sua visão e não de conformidade com as ideias, às vezes um tanto bizarras, da jovem actriz.

Que Katharine demonstrava possuir talento, ninguém duvidava, mas, os empresários não se submetiam aos caprichos da futura estrela. Ensaiaava peça após peça, sempre com óptimos papéis, simplesmente para ser despedida antes do dia da estreia.

Longe de desanimar, persistia nos seus porfiados esforços. Tinha plena confiança em si própria e sabia que algum dia, mais cedo ou mais tarde, o teatro reconhecera que ela era real-

mente incapaz de desempenhar qualquer personagem de modo convencional, vendo-se forçada, pelo próprio génio, a dar-lhe a interpretação que melhor se adaptasse ao seu espírito e à sua invulgaríssima personalidade.

Finalmente foi encarregada da protagonista da peça teatral *O marido da amazona* e conseguiu permanecer no elenco até à apresentação. A plateia, na noite da estreia, delirou, de franco entusiasmo, quando viu o trabalho, verdadeiramente esmagador, de Katharine. A vibratidade, o humanismo, insuperável da sua interpretação, causaram a mais forte sensação.

Na assistência estava um dos directores da R. K. O.-Rádio que, altamente interessado pela revelação que acabava de se lhe patentear, ofereceu a Katharine um vantajoso contrato.

O primeiro filme que Katharine fez foi *Vítimas do divórcio*, ao lado de John Barrymore e a história do cinema regista este facto sensacional: a jovem estrela ultrapassou o trabalho do experimentado astro, conseguindo ser o alvo de toda a atenção. Duas outras produções se seguiram, como prelúdio artístico do seu primeiro filme realmente grande—*Quatro irmãs*. Foi nessa película que Katharine Hepburn revelou toda a extensão do seu génio dramático, a sua poderosa garra, e o mundo consagrou-a definitivamente. *The Little Minister*, *Spilfire*, bem como os grandes êxitos de *Alice Adams* e *Sylvia Scarlett*, proporcionaram à talentosa estrela excelentes oportunidades para confirmar o seu invulgar temperamento artístico.

Corações desfeitos apresentou-a ao lado do distinto actor Charles Boyer,

como que em desafio à sua própria posição de artista. Nessa fita Katharine ultrapassou os seus triunfos anteriores e, inspirada pelo magnífico trabalho de Boyer, viveu, com intensidade estranha, um papel que para sempre perdurará na nossa recordação.

Nunca houve artista em Hollywood que fosse tão criticada como Hepburn. Criticam-na porque costuma usar calças compridas no estúdio; porque gosta de lêr as cartas dos admiradores sentada no estribo do carro, em plena rua; porque não segue os hábitos convencionais das outras estrelas; porque recusa, terminantemente, discutir a sua vida particular com os jornalistas.

Crê, sinceramente, que cada pessoa tem o direito de agir como quer, uma vez que não prejudique outrem. Não teme, portanto, a opinião contrária dos críticos injustos. Há, porém, uma coisa sagrada para Hepburn: nunca falta à sua palavra. Quando promete, cumpre religiosamente o que prometeu e espera, também, completa igualdade dos outros.

Katharine é sempre pontual, trabalha febrilmente e é excelente companheira de trabalho. Os que labutam nos estúdios da R. K. O.-Rádio são unânimes em declarar que não há pessoa mais entusiasta e dedicada ao trabalho. É uma grande camarada para todos e são muitos os seus actos bondosos, de clara espontaneidade.

O «temperamento Hepburn», que desfilava toda a sua emotividade, foi que a tornou a grande actriz que é, fazendo da sua formidável constituição estética, a maior, a mais expressiva artista da actualidade.

CARTA DO PORTO

ESTÁ virtualmente inaugurada a temporada cinematográfica nesta cidade. Iniciaram-na sem uma publicidade condigna, sem que o público profano tivesse cabal conhecimento de acontecimento de tão magna importância, sobretudo, para os empresários dos nossos cinemas.

Sem menosprezo pela opinião alheia, quero-nos parecer que tal critério se torna assaz errado.

Se não, vejamos. Há, na verdade, uma facção numerosa de público que, ávida e ansiosamente, aguardava o início da presente época, saturado, como estava, por dois ou três meses de consecutivas «reprises» que, sem dúvida, vieram favorecer outro sector da população cinéfila.

Ora, se esta abertura de estação foi movimentada, entusiástica mesmo, não teve aquela animação, que por vezes atinge o auge, e que muitas vezes se verifica, até com produções que não são a última palavra, quando a opinião pública é suficiente e inteligentemente trabalhada.

Esta apatia reflecte-se profundamente no espírito do público desatento, naquele público que não anda rigorosamente em dia com a vida cinematográfica cittadina e que, infelizmente, ainda constitui uma legião numerosíssima.

Tal prejuízo, e que não é pequeno, tem, forçosa e implicitamente, de se projectar na exploração do decorrer da temporada. É inevitável. O cinéfilo acorre, pressuroso, à cata de novidades. Do público habitual, cinquenta por cento não dá pela abertura dos salões, que não lhe foi lembrada convenientemente. Os profanos, porque não estão habituados a andar em dia com estas coisas, continuam a ir ao cinema, uma vez por outra, sem interesse, sem paixão, sem gosto.

Visto o problema pelo lado prático, é certo e sabido que o dispêndio proveniente duma criteriosa e inteligente propaganda, tem, infelizmente, de ser reembolsado e com juro compensador.

Naturalmente que dada a velha aridez do terreno a trabalhar, mesmo que essa publicidade fosse feita, depois de um metucioso estudo, os salões cinematográficos não entrariam imediatamente num regime de continuas lotações esgotadas.

E se assim é, é porque não é possível, de um dia para outro, tornar-se cultivável um terreno que nunca foi arreado.

Que toda a razão nos assiste verifica-se no facto de a duas semanas da inauguração da temporada, ainda haver muita gente que não deu por tal, desconhecendo, em absoluto, que já se entrou na época das estreias dos filmes mais recentemente produzidos.

Sem qualquer interesse particular ou especial, procuramos auscultar a opinião pública, aquela parte da opinião pública que não se interessa intensamente pela arte e que, sendo a mais numerosa, é, precisamente, aquela em que se projectam os efeitos duma maior ou menor propaganda.

E essa, infelizmente, continua, por completo, às escuras, absolutamente desinteressada do que corre e vai correr nos nossos «ecrans», precisamente porque a sua atenção, sempre distraída, ainda não foi despertada, ainda não foi acorrençada à vida cinematográfica.

Bem sabemos que objectar-nos-ão: mas os jornais dizem, os jornais falam, os jornais anunciam. Na verdade assim é, mas dizem, falam, anunciam, em condições inferioríssimas.

Se para se lançar um produto, um filme duma casa, se para se reclamar a abertura dum estabelecimento, duma estação ou dum cinema, fôsse suficiente um simples e banal anúncio, nunca existiria essa complexa e difícil ciência que se chama publicidade.

Pela mesma razão porque se um chá de illia ou uns sinapismos curassem lódas as doenças, não era necessário haver médicos.

Além disso nesta cidade lesse muito pouco e quem lê jornais passa-lhe a vista «à vol d'oiseau», porque o acelerado ritmo da vida contemporânea não permite que se possa perder tempo com minúcias, e o anúncio dum cinema no meio do mundo de dez ou doze páginas dum jornal, é autêntica agulha em palheiro.

Dai a necessidade, a ingente e imperiosa necessidade, de se procurar todos os meios, os mais eficazes, para despertar a curiosidade pública, para ebanhar a atenção geral, para os cinemas e para os filmes que exibem, sob pena de continuarmos num marasmo injustificável.

É certo e sabido que os devaneios espirituais, de que o cinema é uma das mais expressivas facetas, não interessam senão a uma minoria da geração contemporânea.

Arrancar o resto do público a essa apatia, a essa insensibilidade, é uma das mais delicadas e imperativas funções do empresário cinematográfico que pretende conservar e aumentar o seu público, como claro, nítido, reflexa da sua principal finalidade.

E a maneira como a presente temporada foi lançada não é, positivamente, a forma mais racional de se conseguir êsse desiderato.

É natural que nos laboratórios da alquimia directiva dos nossos salões se não pense assim. No entanto, auscultando a opinião pública, verificando a sua orientação, a sua predisposição, constata-se que infelizmente, muito melhores resultados seriam obtidos se fosse despertada, convenientemente, a curiosidade e atenção dos eternos desatentos, dos sempre desinteressados — infelizmente, ainda hoje, o maior, o mais esmagador número.

Um grande cinema no Palácio

A notícia está a correr, a tomar vulto, nos «mentideros» cinematográficos, embora tenhamos fortes razões para a darmos sob todas as reservas.

Segundo corre, e com invulgar insistência, um antigo sócio-gerente de dois

cinemas desta cidade, ultimamente afastado das suas lides, pretende alugar a nave central do Palácio de Cristal, para aí organizar um grande cinema, que ficaria sendo o de maior lotação do nosso país, e até mesmo da península.

Homem de rara energia, espírito moderno, desempoeirado, afeito à realização de largos empreendimentos, tenso e entregue, de alma e coração, a esta iniciativa.

Como nota curiosa, como natural atractivo para o seu possível público, e como êste cinema ficaria um pouco mais afastado do centro da cidade do que os seus congéneres, pretende-se organizar carreiras de camionetas, da Praça da Liberdade para o Palácio, e que seriam gratis para os hortadores, dos bilhetes para os seus espectadores.

Há quem sorria, incrédulamente, desta ideia, dêste empreendimento.

Foi sempre assim, nesta terra, em que os espíritos desempoeirados são apontados como anomalias, por aqueles que nunca tiveram, na sua vida, uma iniciativa, uma ideia, uma obra.

Podemos considerar arrojada tal iniciativa, podemos mesmo, sinceramente, reputá-la de extraordinária, mas, dentro do mais recto espírito de justiça, agrade ou não à turba, temos de considerá-la não só viável, como até com lódas as possibilidades do maior e mais completo êxito.

De há muito que o Palácio de Cristal necessita de ser animado por um espírito novo e activo que, livre de peias, de certos preconceitos que vêm atrofiando aquela casa, lhe possa dar uma vida nova, uma directriz mais consentânea com as suas possibilidades e finalidades, do que a que tem lido.

Estamos, por isso, absolutamente certos de que, uma vez realizada, uma vez que seja um facto a ideia em embrião, muito e muito se hão de admirar aqueles que não vêm viabilidade numa iniciativa que, na verdade, tem muito de arrojada, mas muito mais de prática e plausível.

Os críticos dos corredores

Durante os intervalos dos espectáculos cinematográficos, geralmente, grande numero de espectadores enchem

os corredores dos cinemas para fumar um cigarro, tomar um café, discutir vidas, negócios, acontecimentos e criticar os filmes em exhibição.

Daria um incomensurável tratado de psicologia o arquivo e análise dessas opiniões, heterogêneas, antagónicas mesmo, mas, sempre curiosíssimas.

Aparecem técnicos que apreciam e estudam os mais variegados detalhes do filme e, o que é mais importante, não são quasi tornam públicas as suas preleções, mas, falam de cátedra.

Como a vida é cheia de surpresas, acontece que, muitas vezes, se forma, nos corredores dos cinemas, uma corrente de opinião que, embora errada, incompreensível, despropositada, ao fim e ao cabo, é a que, quasi sempre, praticamente, prevalece.

Não quer dizer, no entanto, que, a maior parte das vezes, o espectáculo que os corredores dos cinemas nos oferecem, não seja mais variado, mais completo e mais divertido do que o que nos é dado na tela.

É, porém, triste, confrangedor mesmo, a inconsistência e a incoerência em que se debate a maioria da massa anónima das plateias, no meio dos seus errôneos juízos críticos.

Martiriza-se o autor, do argumento no estudo da tese a apresentar, trabalha intensamente o realizador na obra a que se devota, desfilha toda a sua alma o artista que a interpreta, à volta dêstes três pontos capitais gravita uma infinidade de técnicos e o espectador, entre um mau café e um péssimo cigarro, nos escassos dez minutos do intervalo, entre o dissecar dos mais recentes acontecimentos ou do último escândalo, resolve arrazar todo o esforço de tanta gente que queimou o melhor da sua inteligência na realização do filme.

É cômodo e engraçado, mas, não deixa de, simultaneamente, ser bárbaro.

Caracteriza, porém, os inevitáveis críticos dos corredores, uma ignorância aterradora.

E nós, humilha molécula do incomensurável mundo cinematográfico, pigmeu insignificante nesta vida de gigantes, ficamos atônitos ante a «sapiência» dêstes sábios.

Os críticos dos corredores... que frandulagem engraçada...

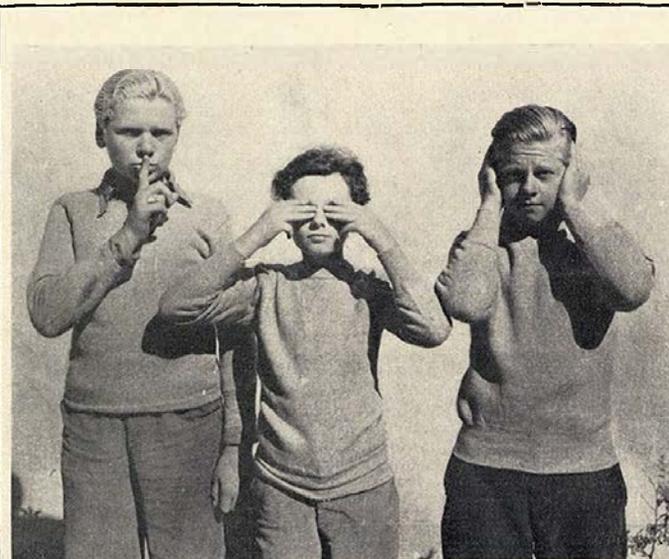
Dois cinemas populares

Inauguraram a época de inverno, na passada sexta-feira, os cinemas Batalha e Carlos Alberto, o mais antigo e o mais moderno dos cinemas do Porto. O primeiro, tendo há mais de vinte anos um público certo, fiel, sendo a casa que se pode orgulhar de ter passado pela sua sala todo o público do Porto, que de geração para geração lhe vem dando uma apreciável preferência, vem servindo de estímulo, de exemplo, de lição ao segundo, que lhe vem seguindo as pisadas.

Colocados nos extremos do centro cinematográfico cittadino, servindo dois bairros absolutamente distintos, os dois cinemas primam pela apresentação, quasi sempre em reprise, dos maiores sucessos da tela.

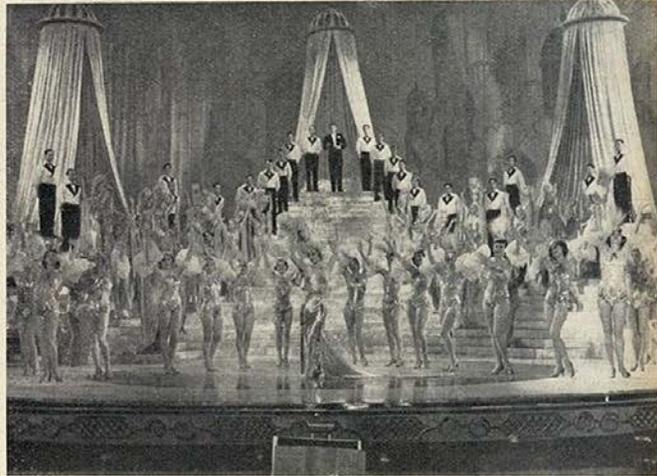
As suas características estruturalmente populares, dão-lhe uma ambiência simpática, visto que por uma importância módica o seu público pode apreciar, embora com um pequeno atraso, o que de melhor se produz.

Teve foros de grande acontecimento a abertura da época de inverno nêstes dois salões. Era de prevêr, conhecendo-se o alto e inteligente espírito prático que os orienta, sabendo todo o público conhece, de ante-mão, a excelência dos espectáculos que tanto no Batalha como no Carlos Alberto lhe são continuamente apresentados.



Uma cena de «The Devil is a Sissy», o novo filme de Van Dyke, com Jackie Cooper, Freddy Bortholomew e Mickey Rooney

CARLOS MOREIRA



À esquerda: Uma cena de «O Fidalgo Amador», com Elisso Landi e Douglas Fairbanks J.º. À direita: Uma cena de grande espectáculo de «Acusado», com Dolores del Rio e Doug J.º

Viagem à roda duma revista brasileira

E' muito legítima a curiosidade de saber qual o movimento cinematográfico do Brasil.

Interessa-nos muito essa, como qualquer outra, manifestação da vida intelectual dum tão grande país que fala a nossa língua, mesmo quando não dá por isso.

Na impossibilidade de demandar terras de Santa Cruz — rota de aventura, não de Alvares Cabral mas daqueles que depois se lhe seguiram... — resolvemos lançar mão do único recurso de que dispunhamos, e foi assim que nos encontramos a folhear um número recentíssimo duma revista brasileira de cinema.

O que primeiro nos chamou a atenção foi a sua antiguidade: *Cine-Jornal*, que comemora na próxima semana o 1.º aniversário, sente-se escandalosamente moço ante as 16 primaveras tropicais do seu colega do Rio.

Mas isso é uma esplêndida credencial para o improvisado embaixador. Quem por tanto tempo tem gozado dos favores do público, não pode deixar de traduzir bem as suas aspirações, as tendências mais pronunciadas, e, assim, o nosso juízo tornar-se-á mais seguro.

* * *

Pomos todo o cuidado na pesquisa e nada, não encontramos a mais pequena referência a cinema brasileiro. Seríamos talvez precipitados afirmando que êle realmente não existe; limitar-nos-emos a considerar que a sua importância deve ser deminuta e que actualmente nenhum filme nacional passa nas telas cariocas.

Menos nos pode surpreender que se

faça silêncio à roda dos filmes portugueses, mais não seja porque o número das nossas produções é ainda bastante reduzido.

Dir-se-ia que a relativa proximidade dos Estados Unidos da América do Norte esmaga a concorrência, anulando as probabilidades duma reacção eficaz.

E, contudo, a América não se tem mostrado excessivamente amável para com o Brasil... Por especial deferência deu-se guarida em Hollywood a dois ou três artistas brasileiros e a esses mesmos reservaram-se papéis secundários.

Dêstes amores mal correspondidos resalta o enorme prestígio da América no Brasil, que chega a ponto de alguns brasileiros confessarem-se preferentemente *americanos*, sem designação de sul ou norte, para assim se confundirem como qualquer cidadão *yankee*. São góstos...

Nesta ordem de ideias, a revista a que nos vimos referindo aparece inundada de notícias da actividade dos estúdios americanos. Se não fosse a Alemanha não caberia à Europa sequer um apagado éco. A *Ufa* faz-se representar muito bem por Gustavo Frohlich, cuja vida íntima é descrita em duas páginas, e por Hansi Knoeck e Viviane Romance, em duas boas fotografias.

Sem regatear merecimento à consagrada firma alemã, parece-nos que haveria outros assuntos europeus também dignos de referência.

Esperemos que a aviação conquiste os 700 à hora para o Atlântico ficar reduzido às proporções do Mar Negro...

* * *

Estamos na hora da Mirna Loy. Lá como cá é a mulher de quem se fala.

* * *

Uma dávida dos céus

Não há muito tempo, Leo Danierf, autor de várias cançonetas que conheceram certa voga, em 1910, apresentou-se na Sociedade dos Autores, para cobrar os seus direitos — facto êsse que costuma observar em todos os trimestres. Modestamente, o autor de *Nas Margens da Riviera* inquiriu a caixa:

— Ora aqui me tem! Se calhar nem valia a pena cá vir. Mas, hoje, três ou quatro francos têm um valor inapreciável.

O empregado olhou, sorriu, e perguntou-lhe:

— Traz alguma mala de mão?

— Para quê?
— É que tem que receber 84.000 francos — o que, em qualquer caso, faz um pouco de volume.

— 84.000 francos? — voltou Danierf, surpreendido.

— Não há engano possível! Charlie Chaplin incluiu a sua canção *Je cherche après Titine*, no seu último filme *Tempos Modernos* e, como êste filme, se exhibe nos «cêrcons» do mundo inteiro, tem, pelo menos, dentro de dias, mais de 100.000 francos a receber.

O cinema, de vez em quando, reserva ainda destas surpresas.

É muito curiosa a maneira como a revista dá a notícia do seu casamento com o produtor da Paramount, Arthur Hornblow Jr.: «É o primeiro casamento de Mirna Loy e o segundo de Hornblow»...

Spencer Tracy, que acabámos de ver em *A mulher das pérolas*, também anda por lá muito bem cotado, assim como Patricia Ellis e Silvia Sidney.

Eis alguns dos filmes que passam actualmente no Rio:

Czardas, da Ufa, com Marika Rokk, Paul Kemp e Hans Stuwe, que igualmente será passado esta época em Lisboa.

O grande impostor, com Valerie Hobson e Edmund Lowe mais o seu impossível bigode.

Romance em Nova York, com Francis Lederer e Ginger Rogers, num papel que lhe não dá ensejo de bailar.

Amor e ódio, com Silvia Sidney.

Para fechar, vamos transcrever algumas linhas que acompanham as fotografias da Marlène e de Charles Boyer: «Aqui estão Charles Boyer e deviam estar juntos, trocando Marlène... separados, quando apaixonado beijo, em uma cena de *Amei um Soldado* (respeitada escrupulosamente a pontuação).

Como foi o único trecho inserto na revista que não compreendemos, temos de concluir que algum escritor nativista teimou em escrever naquela língua brasileira que julgávamos não existir... e que — há que confessá-lo — existe mesmo.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

A' MARGEM DO CINEMA

Exigir mais...

VAMOS ver, dentro de pouco tempo, novos filmes portugueses, que, — não é ousadia profetizar-o, — devem suplantá-lo, — pelo menos em técnica, o até agora realizados. Mas, — iam jurá-lo, — embora assim seja e o nível dessas películas seja bastante superior ao dos anteriores, a crítica demolidora dos cafés e das esquinhas ha-de continuar a espiçá-los, com romas irrelevantes e a lembrar em colóca-los em confronto com as magníficas fitas estrangeiras que passam nos écrans portugueses...

A primeira vista, esta tendência, para exigir mais, sempre mais, parece anti-pátria e anti-patriótica. Mas, vistas as coisas tranqüilamente, sem nos pómos do lado dos que realizam nem dos que criticam, não é assim.

Como é sabido, o cinema português abandonou há pouco o *uberata*, e, como quer que os primeiros filmes, peus suas naturais deficiências se prestassem a charges de revista e a dios de caca essa quantidade foi exuberantemente exporada.

As revistas teatraes e os jornais humorísticos, creceados de todos os assuntos para uma *laracha* a propósito amsam de todos 'os motivos que me surgem, numa satisfação até certo ponto justificável. E não se veja nessas ausões a realização, ao som ou à interpretação de qualquer personagem, quaisquer letas menos patrióticas. As fitas mas que o estrangeiro nos manda, — e são algumas, Graças a Deus... — não são comentadas nos nossos patcos de revista ou nas folhas humorísticas da capital, porque se lhes não ligam importância. Para tanto. Com os filmes de produção nacional, o caso é diferente. Os realizadores, os artistas, são nossos conhecidos. Se o som é mau, sabemos quem é o culpado... Se falha qualquer dos elementos essenciais ao sucesso, sabemos, precisamente, quem falhou... e a *piada*, a espécie mais irreverente de crítica, nasce espontânea, por uma questão de prazer, de hábito, e até de temperamento...

É pois de esperar que os filmes portugueses que se avizinham, por razões que sejam, não escapem à conclusão demolidora das *piadas* de café, ou dos quartetos exóticos de revista... Tudo inofensivo, afinal.

As crianças e o Cinema

Uma recente disposição da nossa «Inspeção Geral dos Espectáculos» proibe as crianças de entrarem, com carácter permanente, em espectáculos públicos. Pode surgir qualquer caso excepcional de precocidade artística, que se não beneficiará de qualquer transigência. Ainda recentemente a empresa do Teatro Variedades se viu inibida de apresentar, na revista ali em cena, como tinha anunciado a pequenina actriz Maria José. Não vamos aqui, claro, avaliar das razões, decerto muito de ponderar que levaram a aquela repartição oficial a tomar tal resolução.

Seria um nunca desfiar de prós e contras de que ninguém beneficiaria;

nem nós, nem a Inspeção, nem as pequeninas artistas...

Poderíamos, é evidente, deduzir que, pela mesma razão porque se proibe uma criança de representar, se deveriam proibir outras de trabalharem, apesar da sua pouca idade, em profissões extenuantes, cruéis até. E seria um nunca acabar de aprendizs de officios du-íssimos, e de ardinhas e de engraxadores...

Mas isso não está, claro, sob a jurisdição da I. G. E.

Mas, repelimos, nenhum dêsses casos queremos aqui tratar, nesta secção de impressões rápidas, cinematográficas.

Queremos, apenas, felicitar os cinéfilos de todo o mundo por a pequenina Shirley Temple não precisar, para realizar as suas formidáveis criações, da autorização da Inspeção Geral dos Espectáculos de Portugal...

«Charlotte, o enorme»

A Câmara Municipal de Londres, acaba de dar, a uma das ruas da capital inglesa, o nome de Charlotte, numa homenagem que aos olhos dos cinéfilos e até de muitos não-cinéfilos de todo o mundo, se afigurará justíssima. O Município londrino, achou que era tempo de perpetuar, através dos tempos, a passagem pelo Cinema do grande trágico, o maior conquistador de público de todos os tempos...

Quanto a nós, porém, a homenagem parece-nos esusada...

É que o nome de Charlotte, para perdurar através os tempos, não precisava de ser escrito na esquina duma rua... E assim, o seu nome glorioso poderá confundir-se com muitos outros que se encontram pelas esquinas de todo o mundo, — e que nem assim, escritos na parede, conseguem passar à Eternidade!...

O Cinema e o réclamo

O Cinema, Arte tão grande que parece reunir uma síntese de todas as artes, tem servido, freqüentes vezes, para o réclamo de certas pessoas, que, aliás, apenas o conhecem, «de vista»...

Assim, não raras vezes temos lido, réclamando artistas estrangeiras, as seguintes palavras, pouco mais ou menos: «A intérprete genial do filme X, que vemos brevemente...

É claro que, a mór-parte das vezes, a anunciada filha, não chega a aparecer... Foi, apenas, um *chamariz* para os cinéfilos incautos...

Ai, Cinema! Que para tanta coisa das...

ANIBAL NAZARÉ

Stadium

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de óptimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

GRETA GARBO

(Conclusão da pág. 7)

Quem pagará a minha viagem?

Greta Garbo voltou a Estocolmo onde recebeu este telegrama.

«Esperamo-la domingo à tarde em Berlim».

Greta Garbo aproveitou estas férias para passar só e patinar nos lagos que ainda se conservavam gelados.

O telegrama de Berlim veio perturbar-lhe a sua tranqüilla solidão.

Garbo sabe muito bem que a América não dispensa a publicidade.

Querem que ela vá à capital da Alemanha.

«Mas quem pagará a viagem?».

Começa a reflectir. Realmente falarão-lhe uma tarde nesta viagem mas não tomou qualquer compromisso. Decide telefonar. Não; telefonar é muito caro. Enviou um telegrama e rabiscou no impresso a pergunta: «Quem pagará a viagem?».

Esta frase brutal dirigida àqueles que se tinham mostrado sempre cheios de cortezia, não revela, por certo, um coração muito reconhecido.

Quando Palst recebeu o telegrama não pode encobrir a má disposição. Sabendo, porém, que não havia outra solução, enviou imediatamente um vale telegráfico de 300 marcos.

* * *

A 18 de Maio de 1925 foi apresentada publicamente a *Rua sem sol*. No dia seguinte os jornais faziam referências elogiosas ao filme. Não nomearam Greta Garbo em primeiro lugar. O seu papel era pouco importante e o seu nome não era muito conhecido. O trabalho de Garbo não estava à altura de poder ser comparado ao dos outros artistas.

Ficou mais uma noite em Berlim. Seguiu o conselho que unânimemente lhe diltavam.

No dia seguinte partiu para Nova-York, mas nessa noite o seu estado de nervos atingiu o máximo. Correu rapidamente os «dancings», de Kurfurstendamm; o ambiente não lhe era simpático. Foi para o Luna-Park e aí chichecou os seus nervos praticando os maiores excessos que aqueles divertimentos lhe proporcionavam. Chegou a andar quinze vezes seguidas no «water-chute»... Foi assim a sua última noite de Berlim!



Uma epiderme de tonalidades ou de cor naturalmente iodada dá ao rosto uma beleza que o moreno natural, muitas vezes não consegue. Há peles, porém, que accusam estragos pela exposição ao sol. Assim o ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA, lança um produto cujo agrado e aceitação têm sido potantes e que, dando à pele o cor bronzeado, exacto o natural, tal como os raios solares, a preserva simultaneamente do sol. O duplo valor dêsste produto é aumentado pelo circunstância de não ser oleoso e permitir o «maquillage» habitual. BRONZISOL não deixará desvanecer-se do epiderme, essa linda cor dourado e quente que o verão e o praia emprestam a cada rosto.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

Ler «Stadium» é andar a par do desenvolvimento desportivo de todo o

mundo

CINE-JORNAL
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1268 e 2 1227

Comp. Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos, L.da
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa)

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano	48500
25 " 6 meses	24500
12 " 3 meses	12500
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano	65500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

De 4 Mulheres Ha 3 Que Escolhem Mal O Tom Do Seu Pé d'Arroz



Os especialistas provaram que há quatro tons de pele bem diversos, exigindo cada um d'êles uma cor diferente de pó de arroz. Empregando-se a cor que convém mais exactamente à pele, de 4 mulheres, 3 aumentariam facilmente de 100% a beleza do rosto.

O Pó Tokalon é o único pó de arroz que se segura durante o dia inteiro, ou toda a noite, quer dentro de casa, quer ao ar livre, apesar do vento, da chuva

ou da transpiração. A «mousse de cremes» fi-lo aderir tão íntima e invisivelmente que ninguém poderia imaginar que a esplêndida cor obtida não é o encanto próprio e natural da pessoa.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

A

SONORO FILME

**apresenta,
dentro em
breve, no**

«TIVOLI»

**O GRANDE
FILME**



O PEQUENO LORD

(LITTLE LORD FAUNTLEROY)

— COM —

FREDDY BARTHOLOMEW

— E —

DOLORES COSTELLO

Três vezes já, êste bellissimo argumento foi transposto para a tela!
A presente realização ultrapassa, em interesse, encanto e emoção,
as obras precedentemente realizadas!

CINE-JORNAL

ANO I-N.º 52—12 DE OUTUBRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



★
EDDIE CANTOR

em

«mil mentiras»
★

«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA